

## O Comentário Especializado no Jornal da Cultura <sup>1</sup>

Rodrigo GABRIOTI<sup>2</sup>  
Athon Ensino Superior, Sorocaba, SP  
INTERCOM, São Paulo, SP

### RESUMO

Este artigo aborda como os comentaristas do Jornal da Cultura opinaram sobre acontecimentos ligados às Eleições Municipais de 2020 em meio à pandemia da Covid-19. Adotadas as metodologias da Pesquisa Documental e da Análise do Discurso, 14 edições, em semanas que antecederam o 1º e 2º turnos, foram analisadas por um grupo de pesquisadores. Os comentaristas destacados, em sua maioria, não são jornalistas. Suas falas foram interpretadas nas perspectivas de cidadão e de seus lugares de fala. Pode-se afirmar que a opinião está ligada a sujeitos dotados de conhecimento e reconhecimento por suas afiliações institucionais que emprestam ao Jornal da Cultura o comentário especializado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eleições Municipais 2020; Jornal da Cultura; Opinião; Pandemia; TV Cultura.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa conjunta envolvendo professores<sup>3</sup> e alunos<sup>4</sup> da Graduação em Jornalismo da Athon Ensino Superior, de Sorocaba (SP), e do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero<sup>5</sup>, em São Paulo, para discutir como a opinião se manifesta no Jornal da Cultura<sup>6</sup>, no período eleitoral de 2020<sup>7</sup>, quando os brasileiros, em meio à pandemia, elegeram prefeitos e vereadores.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação. Professor e coordenador de Jornalismo da Athon Ensino Superior. Diretor adjunto de projetos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). E-mail: [rgabrioti@hotmail.com](mailto:rgabrioti@hotmail.com)

<sup>3</sup> Prof. Dr. Rodrigo Gabrioti e Profª Ms. Aparecida Matilde Haddad.

<sup>4</sup> Augusto César Cintra Soares; Daniela Martins da Silva; João Pedro de Almeida Monteiro; Maria Júlia Faria Scheibner; Maria Luiza Orsi Vieira de Melo e Rafaela Maiara Zem Carlos. Cada um deles analisou duas edições do Jornal da Cultura, em semanas diferentes pré-estabelecidas, para a coleta de dados dividida em duas fases.

<sup>5</sup> Prof. Dra. Marli dos Santos e Ms. Matheus Cestari Cunha.

<sup>6</sup> Exibido de segunda a sexta-feira, às 21 horas, pela TV Cultura. Todas as edições são disponibilizadas, na íntegra, no Canal do Jornal da Cultura no YouTube. Acesso em: [https://www.youtube.com/channel/UCXdXYG8dUmEv6jhEji\\_1SHg](https://www.youtube.com/channel/UCXdXYG8dUmEv6jhEji_1SHg)

<sup>7</sup> Tradicionalmente, as eleições são realizadas em outubro, mas na pandemia, a disputa de 2020 foi postergada para novembro.

Os resultados decorrem das análises de 12 edições do telejornal antes do primeiro e segundo turnos: de 9 a 14 de novembro; de 23 a 28 de novembro; e duas edições seguintes ao pleito: em 15 e 30 de novembro. A coleta de dados feita pelos estudantes poderia ser ao vivo, com a edição no ar, pela TV convencional, ou posteriormente, pelo Canal do Jornal da Cultura no YouTube.

O procedimento construído para as anotações se estabeleceu em 13 categorias de análise, seguindo o pressuposto metodológico de Laurence Bardin (2011), na Análise de Conteúdo. Na pré-análise, estavam as 14 edições. Aplicada a técnica da Leitura Flutuante, foram buscadas as primeiras impressões e orientações. No bojo maior da pesquisa também se observam outras manifestações do Jornalismo Opinativo bem como o Jornalismo Informativo. Porém, neste artigo, concentramos a análise e a discussão na categoria dos comentaristas convidados que ocupam a bancada ao lado da apresentadora.

Não há como falar de Gêneros Jornalísticos, no Brasil, sem mencionar José Marques de Melo. Segundo ele (2010), os Gêneros Jornalísticos devem ser estudados no contexto midiático, considerando a prática profissional. Assim percebe-se o Jornal da Cultura como fórum de ideias, seguindo a perspectiva do professor para quem observar os formatos é vislumbar a evolução do Jornalismo.

O comentário pertence ao Gênero Opinativo, o qual Marques de Melo (2010) entende como expressão de ideias a respeito da atualidade emergindo de quatro núcleos: (1) da empresa; (2) do jornalista; (3) do colaborador; (4) do leitor. O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências e o julgamento dos fatos é percebido pelo raciocínio do comentarista com os rumos da sua argumentação.

Aronchi de Souza (2004) legitima as classificações de Marques de Melo propondo os Gêneros do Telejornalismo brasileiro. Pelo que mostra o Jornal da Cultura, a maior aproximação se dá pelo formato Debate que se qualifica por trazer convidados em torno de um tema ou por vários temas dentro de um mesmo programa. Considerando que a opinião emerge do jornalista, Guilherme Jorge de Rezende (2000, p. 158), atribui ao comentário a função de matéria jornalística.

[...] um jornalista especializado em um determinado assunto (economia, esporte, política nacional etc.) faz uma análise, uma interpretação de fatos do cotidiano. Em sua apreciação, o comentarista, muitas vezes, além de explicar os acontecimentos e problemas, orienta o público, que pode conferir ao seu trabalho uma conotação de jornalismo de serviço.

Por outro lado, Patrick Charaudeau (2007) sugere que esse direcionamento opinativo converge mais para a visão da empresa porque as mídias exercem uma influência no saber, no fazer pensar e no fazer sentir, portanto, o resultado do comentário jornalístico é uma atividade ligada à descrição do acontecimento que tem algo sobre si produzido. De acordo com ele (2007, p. 175), “comentar o mundo constitui uma atividade discursiva, complementar ao relato, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem”.

## A OPINIÃO NA TV CULTURA

Algumas correntes teóricas e as principais tendências práticas demonstram que a opinião vem de um jornalista que apura e interpreta os fatos e também traduz no comentário uma opinião alinhada ao pensamento do veículo de comunicação. Porém, no Jornal da Cultura, essa condição se altera e merece reflexões. É que os comentários não são de jornalistas, mas de convidados na bancada, das mais diversas profissões e posições sociais representando instituições ou que são referências por si só. As presenças, no estúdio, evidenciam alguma ligação com determinadas pautas. No contexto analisado, os comentaristas estavam mais alinhados às questões da Saúde Pública em função da pandemia do que em relação ao processo eleitoral em curso, o nosso objeto de análise.

A TV Cultura se aproxima da opinião não é de hoje. Segundo Nascimento, Barbosa e Spartacus (1997) in Rezende (2000), o Manual de Redação da emissora já fazia referência ao Jornalismo Opinativo com a ressalva de que análise não deveria ser confundida com opinião de caráter pessoal, por isso, deveriam atender o tempo entre 1 e 2 minutos. Pelo Manual, noticiar poderia não ser suficiente para o telespectador ter informação de qualidade. A publicação também apontava algumas características do jornalismo da emissora, como relatam Nascimento, Barbosa e Spartacus (1997, p. 26) in Rezende (2000, pp. 177-178):

O telejornalismo praticado pela TV Cultura sustenta-se em três princípios. *Independência*, pela qual se preconiza que uma emissora pública deve servir aos “telespectadores e não a grupos e indivíduos”. [...] *Precisão*, que se baseia no pressuposto de que a “informação de qualidade só existe se for correta, precisa” e que “só é notícia o que decorre dos fatos” e não de uma realidade virtual. *Equilíbrio*, traduzido pela postura de “ouvir sempre todos os lados envolvidos numa mesma

---

história”, o que exige do jornalista o tratamento de “pessoas, instituições, eventos e opiniões com distanciamento crítico, ética e justiça”. (REZENDE, 2000, pp. 177-178)

No site da emissora, o Jornal da Cultura, no ar desde agosto de 1988, é qualificado como um jornal que apresenta os principais fatos do Brasil e do Mundo sempre com comentários de especialistas. Antes de ingressar definitivamente nisso, é preciso abordar as noções de Discurso, afinal, independentemente de quem seja o convidado a exercer a função de comentarista, a cada um deles haverá uma apresentação dos assuntos tratados naquela edição para que, dentro de seu lugar de fala ou da sua própria condição de cidadão, opinem.

Começamos por Milton José Pinto (2002) cujo ponto de partida é que textos constroem um debate entre si. Então, quando um especialista é convidado, ele, no mínimo, precisa saber quais serão os assuntos apresentados para conhecimento das pautas que vão dialogar diretamente com sua especialização ou seu ponto de vista como cidadão para chegar à noção de Rezende (2000) sobre o comentário como prestação de serviço e uma enunciação que, segundo Pinto (2002), se dá pela aparição de um enunciado.

Ao considerar o analista de discurso como detetive sociocultural, atribui a contextualização a três níveis: (a) o contexto situacional imediato; (b) o contexto institucional; (c) o contexto sociocultural mais amplo, onde se deu o evento comunicacional. Aplicado isto ao Jornal da Cultura, o contexto situacional imediato se dá pelo fato dos convidados estarem na bancada para opinar. No contexto institucional, há uma organização que dá voz a eles: a TV Cultura. Impossível desconsiderar que a emissora é pública e está diretamente ligada ao Governo do Estado de São Paulo que tem seus interesses. E, no contexto sociocultural mais amplo, vem a opinião a partir da notícia mostrada com os comentaristas opinando a partir de seus lugares de fala e também de cidadãos com aparente liberdade de posicionamento. Como diz Pinto (2002), a opinião se caracteriza pela última palavra dada. Para isso, os analistas têm alguns meios, como sugere Pinto (2002, p. 27):

[...] *modos de mostrar* (uso referencial da linguagem e de outras semióticas, pelo qual são criados os universos de discurso em jogo no processo comunicacional), *modos de interagir* (uso da linguagem e de outras semióticas pela qual são construídas as identidades e relações sociais assumidas pelos participantes no processo comunicacional) e *modos de seduzir* (uso da linguagem e de outras semióticas na busca de consenso, pelo qual se distribuem os afetos positivos e negativos associados ao universo de discurso em jogo).

---

Apesar da objetividade jornalística, todo sujeito se depara com uma realidade que ao ser comentada exige também a subjetividade que não envolve o gostar ou não gostar, o aceitar ou não aceitar, mas um exame de consciência mais crível, afinal, quem está diante das câmeras comentando é um formador de opinião. Por isso, são pertinentes as contribuições de Charaudeau (2007) ao compreender que a significação do acontecimento depende do olhar estendido a ele. Assim (2007, p. 95), o mundo a comentar “passa pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação em [...] mundo comentado”. Essa perspectiva decorre de um saber como conhecimento. Ainda para Charaudeau (2007, pp. 121-122):

A opinião assemelha-se à crença, pelo movimento de ser a favor ou contra, mas dela se distingue pelo cálculo de probabilidade que não existe na crença e que faz com que a opinião resulte de um julgamento hipotético a respeito de uma posição favorável/desfavorável e não sobre um ato de adesão/rejeição. Por outro lado, a opinião não deve ser confundida com o conhecimento. Este é independente do sujeito que sabe; a opinião, ao contrário, revela o ponto de vista do sujeito a respeito de um saber. A opinião não enuncia uma verdade sobre o mundo, ela remete ao sujeito.

Mais do que comentaristas, esses convidados são fontes especializadas configurando o que Charaudeau (2007) considera mídias externas justamente por serem especialistas. Essa presença precisa ser legitimada por signos como nome, *status*, função social e vínculo a um organismo. E assim vemos pessoas ligadas a instituições como USP, PUC, Cebrap, etc... Apesar de algumas presenças se repetirem, com a participação inclusive de empresários, ainda predomina um grau de escolha relacionado às demandas mais urgentes que o Brasil enfrenta em seu cotidiano. Assim se baseando em Charadeau (2007, p. 176):

O comentário argumentado impõe uma visão do mundo de ordem *explicativa*. Não se contenta em mostrar ou imaginar o que foi, o que é ou o que se produz; o comentário procura revelar o que não se vê, o que é latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções) do processo evenemencial do mundo. Problematiza os acontecimentos, constrói hipóteses, desenvolve teses, traz provas, impõe conclusões. Aqui não se é chamado a projetar-se no mundo contado, mas a avaliar, medir, julgar o comentário, para tomar a decisão de aderir ou rejeitar, seguindo a razão.

## OS COMENTARISTAS DO JORNAL DA CULTURA

Na primeira semana, foram 12 comentaristas sendo que, em dois dias, houve repetição de convidado. Na edição de 09 de novembro, participaram o historiador Marco Antonio Vila, da USP, e o médico Dimas Covas, diretor-geral do Instituto Butantan. Sobre as eleições, ambos não teceram comentários.

No dia 10 de novembro, o telejornal recebeu o médico Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da USP e o economista Antonio Correia de Lacerda, da PUC-SP. Saldiva se referiu à matéria do debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo dizendo que não basta, em um evento dessa natureza, o eleitor saber o que os candidatos pensam, mas sobretudo, o que querem. Também sobre a mesma reportagem, o economista disse que a TV Cultura prestou um grande serviço já que foi o único encontro entre os candidatos à Prefeitura da capital na televisão aberta<sup>8</sup>. O comentário foi complementado pelo destaque à interação e o confronto de ideias na democracia.

A edição de 11 de novembro recebeu a médica infectologista Rosana Richtmann, do Hospital Emílio Ribas, e o filósofo e professor da PUC-SP, Luís Felipe Pondé. A médica não comentou nada sobre eleições. Já Pondé falou sobre retidão ética ao analisar o crescimento de candidatos e a renovação política que sempre vem “com boas intenções”. O filósofo também disse que, em alguns casos, as Prefeituras se tornam espaços para a montagem de quadrilhas justificando isso com a afirmativa de que a corrupção é endêmica a grupos políticos existentes nas cidades brasileiras. Questionado pela apresentadora a respeito da fragilidade da democracia, Pondé disse que é preciso ter cuidado em apontar que tudo fragiliza a democracia. Para ele, as redes sociais são uma tensão à democracia e, ao mesmo passo, o Nordeste historicamente detém um coronelismo político.

Em 12 de novembro, estavam na bancada, o economista e doutor em Ciência Política, Ricardo Sennes, e o jornalista e comunicador Marcelo Tas, apresentador de um programa na emissora. Ao analisar as eleições, Sennes a considerou um contrafluxo ao pleito de 2018 porque a polarização diminuiu, seja para o lado do presidente Bolsonaro, seja para o lado do ex-presidente Lula. Na opinião dele, a disputa municipal evidencia o

---

<sup>8</sup> O comentarista comete um equívoco nessa informação. A TV Bandeirantes já havia realizado um debate entre os prefeituráveis. Apesar da pandemia, o Grupo Bandeirantes manteve a tradição de sair à frente na realização de debates. Algumas outras emissoras, como a Globo, cancelaram o debate do 1º Turno por causa da pandemia.

---

centro como ala ideológica por juntar políticos mais experimentados. Outra análise que fez, foi a partir do apagão, no Amapá. Discutia-se o adiamento das eleições naquela capital. Sennes comentou que as pessoas estavam desconfiando das instituições e que o irmão do então presidente do Senado, Davi Alcolumbre, era candidato a prefeito, em Macapá. Na contramão disso, o comentarista ressaltou que, se existiam relatórios da Polícia Federal e da ABIN mais a postura do TSE para adiar eleição, ele queria acreditar que esses posicionamentos traziam crença nas instituições, o que evidenciaria que essa eleição não teria influência política.

Marcelo Tas comentou que as redes sociais são agora as nossas esquinas de conversa, logo, todos os candidatos estão nelas. Apontou que o pleito de 2020 tinha dois perdedores: Bolsonaro e Lula. Assim, candidatos que associassem a própria imagem a eles se prejudicaria. Neste sentido, afirmou que o eleitor se cansou do debate polarizado, por isso, ligou aquele momento ao encontro dos candidatos, na TV Cultura, como uma iniciativa muito bem-vinda. Ainda no esteio das eleições municipais, Tas acreditava em renovação na Câmara dos Vereadores. Sobre o Amapá, criticou que, no Brasil, para tudo se montam comissões. Falou sobre o fato de ninguém tomar providência com 10 dias de escuridão e alertou aos amapaenses sobre a escolha de governantes lembrando que o estado elegeu José Sarney para o Senado. Finalizou a fala dizendo que há um descaso com o Amapá.

Em 13 de novembro, dividiram a bancada o empresário Emerson Kapaz e o professor de Filosofia Política da Unicamp e presidente do Cebrap, Marcos Nobre. Essa edição foi no dia seguinte ao debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo, promovido pela emissora. Kapaz parabenizou a TV Cultura e criticou a falta de propostas dos candidatos com alguns encenando para marcar posição e repercutir na Internet. A crítica seguiu a linha de que os candidatos não levaram em consideração que disputavam votos para administrar a maior cidade da América do Sul, uma das principais capitais do mundo<sup>9</sup>. Na avaliação do empresário, os eleitores indecisos souberam quem estava no encontro para brincar. Apesar da legislação eleitoral, Kapaz criticou a participação de 10 candidatos porque o tempo para o debate era curto.

---

<sup>9</sup> O prefeito Bruno Covas (PSDB) foi reeleito no 2º Turno disputado com Guilherme Boulos (PSOL). Em 16 de maio de 2021, Bruno Covas faleceu vítima de um câncer aos 41 anos idade. O vice dele, Ricardo Nunes, assumiu a Prefeitura.

---

Em outra reportagem, sobre candidaturas laranjas de mulheres, Kapaz ressaltou a entrevista do deputado Rigoni que disse que existem mulheres candidatas. O que falta são partidos para abrirem as portas a elas. Segundo o comentarista, não se trata de legislação porque as mulheres têm competência para isso, apesar de ter dito que há um machismo entre aspas que impede a ocupação desse espaço. Foi nesse momento que seu interlocutor, Marcos Nobre, o interrompeu dizendo que não é machismo entre aspas. É machismo! Logo, Kapaz concordou e retomou dizendo que as mulheres têm vez e voz na política e capacidade para equilibrar o debate em busca de consenso. Ao amarrar sua fala, reiterou que existe preconceito e que as mulheres não precisam ter reserva de mercado porque elas podem lutar por espaços.

Como salientado, Marcos Nobre fez uma interrupção no comentário do colega de bancada. Quando se analisam seus comentários, nessa edição destacada, sobre o debate da TV Cultura, ele parabenizou a emissora reforçando que era possível fazer debates em meio à pandemia. Lembrou que a campanha era muito curta e as pessoas não estavam prestando atenção na propaganda partidária, o que tornou o debate fundamental. Segundo ele, o candidato perde a eleição, mas, não a *hashtag*. Pela lista de temas apontados pelos indecisos que assistiram e participaram do debate da TV Cultura por meio de interatividade com as redes, ficou claro que a pandemia mostrou as desigualdades da cidade de São Paulo a ponto de gerar a reflexão sobre como elas seriam enfrentadas.

Na matéria sobre as candidaturas femininas, considerada a interrupção no comentário do colega de bancada, Marcos Nobre avaliou que o Brasil precisaria seguir o exemplo do Chile com a sua Assembleia Nacional Constituinte. O comentarista defendeu que é preciso caminhar para isso, senão, o machismo não vai acabar nos partidos. O Fundo Eleitoral é resultado do sistema de financiamento de campanhas que, na opinião dele, estava podre. As cotas de candidaturas femininas mendigam 30% em um país onde as mulheres são maioria. Nobre afirmou que não se deve chamar as candidatas de laranja, mas sim, os partidos e seus mandatários, já que muitas nem sabem que estão sendo usadas e manipuladas.

A edição de 14 de novembro recebeu o jornalista e professor de Ciência Política, da PUC-SP, Leonardo Sakamoto, e a jornalista da Folha de S.Paulo, Patrícia de Campos Melo. Em relação ao conteúdo das eleições, Sakamoto comentou que o sistema eleitoral brasileiro é eficiente e seguro, mas as pessoas com interesse político querem deturpar resultados. Questionado sobre como os prefeitos eleitos lidariam com a pandemia, o

jornalista disse que a redução de empregos formais é consequência de uma falha do Governo Federal que, ao não fomentar novos empregos, faz a responsabilidade recair sobre Estados e Municípios. Os prefeitos, na opinião dele, serão chamados a combater a pobreza e a questão sanitária deixadas pela pandemia. Sobre o apagão, no Amapá, Sakamoto comentou que o presidente da República segue fazendo seu esporte preferido: arremesso de responsabilidades. Afinal Bolsonaro culpou a empresa que distribui a energia, mas a ANEEL é do Governo Federal. A situação de Macapá envolve as três esferas na opinião do comentarista que também recordou que a disputa tinha, como um dos candidatos, o irmão do então presidente do Senado, um candidato do PT e candidatos de outras forças partidárias. Na avaliação de Sakamoto, era absurdo uma capital de estado estar no escuro, por isso, arremata dizendo que se aquilo fosse, em Moema<sup>10</sup> ou no Leblon<sup>11</sup>, alguém já teria caído. Em relação à renovação política, Sakamoto foi questionado pela apresentadora a respeito das candidaturas coletivas. Ele disse que o eleitor precisa conferir as pautas apresentadas por esses grupos, olhar o histórico deles, e ver se são merecedores de oportunidade na hora do voto.

A outra comentarista, jornalista Patrícia de Campos de Melo, comentou um estudo da FGV/TSE que apontava o aumento no número de Fake News a respeito da integridade das eleições de forma brutal. Segundo ela, isso tudo é desinformação e o interesse de quem as dissemina é semear a desconfiança nas instituições, por isso, a conclusão de um medo em ver, no Brasil, a descrença no processo eleitoral, como estava acontecendo nos EUA àquela altura na disputa entre Donald Trump e Joe Biden. Já sobre as candidaturas coletivas, Patrícia comentou que a possibilidade desse tipo de candidatura identifica pessoas com potencial ao serviço público.

E, por fim, na análise dos comentários da primeira semana, a edição de 16 de novembro, dia seguinte ao 1º Turno. Participaram do Jornal da Cultura, o economista e doutor em Ciência Política, Ricardo Sennes, e o empresário Emerson Kapaz. Sobre os resultados do processo eleitoral, Sennes comentou que a abstenção vem crescendo a cada eleição porque há grupos mais céticos que estão descrentes com a política e grupos que não foram votar com medo da pandemia. Cita, por exemplo, que muitos eleitores, com mais de 50 anos, não foram votar e essa é uma fatia de alguns candidatos que automaticamente perderam esses votos. Comentou também que o Brasil vive uma tensão

---

<sup>10</sup> Bairro nobre da cidade de São Paulo.

<sup>11</sup> Bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

---

institucional com Bolsonaro questionando a lisura da eleição. Esse comportamento somado à abstenção complica. Em relação à influência do presidente, no voto, Sennes disse que a esquerda não retraiu e manteve seu patamar histórico haja vista que o PT encolheu, mas, o PSOL cresceu. Segundo ele, o perfil dos vereadores eleitos se assemelha ao perfil dos deputados no Congresso Nacional e isso sinaliza o retorno da política ao Centro. Sobre o ataque hacker sofrido pelo TSE, Sennes lembrou que as urnas não estão interligadas, em rede, por isso, são independentes e não funcionam por internet. Inclusive o relatório da votação é impresso e entregue aos representantes dos partidos. O sistema seria vulnerável, se fosse conectado à Internet. Também disse que todo sistema eletrônico é sempre vulnerável e se recorda do voto em papel com pessoas interpretando o que estava escrito nas cédulas cercadas por representantes dos partidos que ganhavam no grito. Ainda critica que as pessoas estão loucas em defender o papel em vez do eletrônico, pois, não dá para pensar que o eletrônico é mais vulnerável que o papel.

Emerson Kapaz analisou que em relação aos resultados, a lentidão da apuração não foi grave e que esse atraso foi fruto da totalização feita, em Brasília, por questão de segurança. Na análise dele, foi seguro, porém, isso abre o caminho para se, em 2022, Bolsonaro perder a eleição, dizer que tinha falado lá atrás dessa insegurança das urnas. Kapaz reforça que a urna é segura e é exemplo para o mundo e que, nesse quesito, o Brasil dá uma aula com esse sistema. Sobre a participação de Bolsonaro, nas eleições, Kapaz disse que a conduta do presidente não muda por causa de seu estilo próprio e isso não o fez um grande derrotado, pois, como disse o vice-presidente Hamilton Mourão, nem partido o presidente tem. Ainda em seu comentário, Kapaz apontou que Bolsonaro foi âncora, afinal, em São Paulo, Russomano despencou depois que o presidente declarou apoio a ele. O próprio filho do presidente teve 30 mil votos a menos nestas eleições. São sinais, nas palavras de Emerson Kapaz, que a Onda Bolsonaro deu uma enfraquecida. Em relação ao ataque hacker, comentou que voto impresso é sistema dos EUA e fechou a discussão reforçando que existe a tentativa de derrubar um sistema seguro, o que torna a acusação do presidente algo impressionante.

Uma vez descritos todos os comentários feitos pelos convidados, relacionados às pautas das eleições, classificam-se suas falas na perspectiva de um convidado cidadão e um convidado especialista. Pela primeira, identificamos o que soa como opinião espontânea e, pela segunda, como o fato se enquadra na sua área de formação e conhecimento.

**Tabela 1 – Conteúdo das falas 1ª semana**

<b>CONVIDADO CIDADÃO</b>	<b>CONVIDADO ESPECIALISTA</b>
1. A democracia é um confronto de ideias	1. Retidão ética dos políticos (Filosofia)
2. Eleitores precisam se atentar às propostas dos candidatos	2. O que é democracia (Filosofia)
3. Percepção da política na nossa vida	3. Contextos históricos na política (Filosofia)
4. Falta de propostas dos candidatos no debate da TV Cultura	4. Política na Eleição (Ciência Política)
5. Machismo na política	5. Uso das Redes Sociais (Comunicação)
6. Críticas ao comportamento do presidente Jair Bolsonaro – <b>4x</b>	6. Escolhas do eleitor (Ciência Política)
7. Crítica à escuridão de uma capital de estado brasileiro e alusão de resolução do problema se isso fosse no eixo Rio-SP.	7. Crença x descrença nas instituições (Ciência Política)
	8. Formato do debate, em especial, o número de candidatos determinado pela Legislação Eleitoral (Empresariado)
	9. Crítica à reserva de espaço na política. Mulheres lutam por seus espaços (Empresariado)
	10. Segurança do sistema eleitoral brasileiro (Ciência Política; Empresariado) – <b>tema mencionado 3x</b>
	11. Desinformação nas eleições (Jornalismo)
	12. Candidaturas coletivas (Ciência Política)
	13. Abstenção eleitoral (Ciência Política)
	14. Deslegitimação de fonte em reportagem (Ciência Política)

	15. Crítica a quem defende o voto impresso (Ciência Política; Empresariado)
--	---

**Fonte: Elaboração própria**

Pode-se dizer que do ponto de vista do cidadão, os comentaristas demonstram que falam de lugares comuns, notam certas desigualdades entre regiões do Brasil e reconhecem desvios na conduta do presidente da República sinalizando certa falta de paciência e indignação com seu governo e sobretudo com a sua postura. Já quando se observa pela especialização dos comentaristas, o maior contexto evidenciado está na Ciência Política e, que neste caso, faz muito mais sentido, uma vez que a proposta é identificar e analisar os comentários voltados às eleições municipais de 2020, no Brasil.

Na segunda semana analisada, das 12 matérias sobre as eleições municipais, cinco foram comentadas pelos convidados. Entre eles, perfis mais midiáticos como o historiador Marco Antonio Villa, o filósofo Luís Felipe Pondé e o comunicador Marcelo Tas. Outros com autoridade reconhecida pelas instituições em que atuam, como o economista e doutor em Ciência Política Ricardo Sennes; o médico e professor de Medicina, na USP, Paulo Saldiva; o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais, Dimas Ramalho; o sanitarista Gonzalo Vecina; o economista Alexandre Schwarzman; os advogados Airton Soares e João Lima. Assim como para a primeira semana, elaborou-se também uma tabela a partir das falas dos comentaristas.

**Tabela 2 – Conteúdo das falas 2ª semana**

<b>CONVIDADO CIDADÃO</b>	<b>CONVIDADO ESPECIALISTA</b>
1. Tecnologia serve para detectar as fraudes.	1. Os candidatos devem responder sobre apropriação indébita, estelionato. Tem que responder com patrimônio, inelegibilidade. Há vários órgãos de controle, mas sempre acham uma forma de burlar
2. Gente muito mal preparada para gerir segurança 3. Problemas não são privilégio de brasileiro 4. Assustador que o hacker conseguiu invadir por celular 5. Trazer o hacker de Portugal para orientar TSE	2. Necessária Legislação de Segurança em Tecnologia no Brasil 3. Urgente que se aprove projeto na Câmara 4. Sistema continua vulnerável

<p>6. Pessoas estão mais temerosas em relação à pandemia, por isso, a abstenção é maior</p>	<p>5. Mapa das pesquisas aponta quem ganhará ou perderá com a abstenção 6. Quem se fortaleceu nessa história foi o Centrão 7. Centrão é uma miríade de partidos que parece com o MDB 8. De maneira geral, a esquerda não se deu bem nessas eleições</p>
<p>7. Reeleição é a pior coisa que fizeram para esse país 8. Cidadão vota em candidato e não sabe que pode perder o voto 9. Reeleição deve ser banida do eleitorado brasileiro 10. Candidato à reeleição já tem contato com empresa</p>	<p>9. Mexer na Legislação é sempre um problema que não é político 10. Se não tem prefeito, o vice não pode assumir 11. Se a Justiça caminhasse mais rapidamente, o prazo para impugnações ocorreria em tempo hábil 12. Candidato usa máquina administrativa</p>
<p>11. Se você tiver uma boa gestão, a pessoa agradece te dando voto 12. Quanto menor a cidade, mais isso acontece. Todo mundo conhece o prefeito, conhece os vereadores e os problemas do local 13. Pandemia tem componente importante na abstenção 14. Votaram nas pessoas que se sentem seguras em relação à pandemia</p>	<p>13. A primeira decisão sobre candidato é sobre uma eleição por gestão, é plebiscitária, a pessoa aprova ou não a eleição; a segunda é partidária. No Brasil, não tem partido, tem frente partidária. 14. Disputar liderança em partido. O partido tem função primordial nas eleições Ele faz animação nas eleições 15. Eleição que não votou nos extremos</p>
<p>15. Quando o TSE é invadido, o bom procedimento é cuidar disso 16. O que me chama a atenção é um rapaz, em Portugal, comandar isso</p>	<p>16. TSE trouxe o assunto com transparência 17. Está na hora de fazer um telecurso de como funcionam as urnas 18. Não houve raqueamento do voto. Houve uma informação exposta 19. O zoom teve crescimento exponencial durante a pandemia; vale mais que todas as companhias aéreas dos EUA 20. Fragilidade cibernética de todos nós</p>

**Fonte: Elaboração própria**

Pode-se dizer que, na categoria de comentarista cidadão, há solidariedade, espanto, ironia, suposição e desprezo. Quando analisados pelo campo de especialização, os conceitos e juízos envolvem criminalização, revisão de leis e críticas ao Judiciário.

---

## INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

É nas atribuições de cidadão e especialista dos comentaristas que vamos aplicar a Análise de Discurso, de Patrick Charaudeau, nessa contextualização de opiniões nas edições analisadas. Consideramos a ideia de que os comentários podem favorecer a visão da empresa e também a de olhar estendido aos acontecimentos para que a audiência do Jornal da Cultura pense e compreenda o porquê dos fatos e das coisas.

Em relação à primeira semana, quando consideramos os comentaristas no papel de cidadão, percebe-se que ao falar de Democracia como confronto de ideias guarda uma aproximação com o posicionamento da emissora que é pública, gerida pelo Governo de São Paulo que se opõe abertamente, na pessoa do governador João Doria, ao presidente Jair Bolsonaro. Sobre o eleitor ter atenção às propostas dos candidatos, isso cai em senso comum. Já quando se fala em perceber a política nas nossas vidas, evidencia-se uma tentativa de falar com a sociedade que política não é só o dia de ir às urnas. Na análise sobre o debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo, nota-se uma colocação do comentarista como eleitor mesmo, que se sente sem opção para votar. No tema do machismo na política, trata-se de um assunto que é tabu na sociedade. Então não se sabe até que ponto o comentarista que emite essa opinião pensa, de fato, pois, ali no estúdio, como figura pública, opinar sobre isso requer “medir palavras” para evitar qualquer desgaste de imagem. Sobre as críticas ao comportamento de Bolsonaro, é um exercício racional, pois, independentemente de cisão política tão inflamada, no Brasil, sem citar qualquer fato, é sabido e notório que o presidente da República não tem decoro nem liturgia para o cargo que ocupa. E no caso do apagão do Amapá, a crítica feita tem um tom de segregação, afinal, se pede uma solução comparando esse fato caso ele fosse problema no eixo Rio-São Paulo.

Observados a mesma semana e os mesmos comentaristas, mas a partir de suas opiniões de um lugar de fala, a Filosofia se demonstra presente com discussões a respeito da ética para políticos, da democracia como necessidade de reforço ao sistema vigente e os contextos históricos de política, como por exemplo, o coronelismo no Nordeste. Já em Ciência Política, a percepção é tratada tanto pelo eleitor quanto pelos candidatos que não apresentam propostas. Também se comentou a respeito da condução política do Brasil e dos questionamentos feitos em relação ao sistema eleitoral brasileiro em um embate que ainda vem sendo discutido: o voto eletrônico *versus* o voto impresso. Sobre as escolhas do eleitor, os comentários fazem uma ressalva segregadora também ao eleitor do Amapá

---

ao qual se pede atenção na hora de votar. A situação das instituições também é tratada em face de mais uma cisão social que passa pela crença e descrença de suas premissas. Em relação às candidaturas coletivas, isto foi visto como um fenômeno que vem se tornando emergente. Ainda na Ciência Política, foi falado sobre deslegitimação de fonte jornalística. No aspecto da especialidade da Comunicação, tratou-se da importância das redes sociais como meio de expressão. No Jornalismo, do combate à desinformação. E pelo empresariado, os comentários versaram a respeito da estrutura do debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo. Embora tenha havido ressalva ao que determina a legislação eleitoral, a observação sobre a participação de menos candidatos torna uma percepção mais seletiva e tendenciosa a correntes dominantes da política brasileira. Sobre críticas feitas a reserva de minorias, nas Eleições, o comentário feito soa como um falso discurso e até utópico de que todos têm espaço na política brasileira. E em relação à segurança do sistema eleitoral, a defesa de que o Brasil é um modelo no voto eletrônico, demarca uma posição forte e que mais uma vez nos leva a entender que representa o posicionamento da TV Cultura.

Na segunda semana, os comentários apontam pelo aspecto do comentarista enquanto cidadão que a tecnologia deveria ser totalmente segura contra fraudes; não são apenas brasileiros que têm o privilégio de enfrentar problemas. Aliás uma análise que refuta o senso comum de que certas coisas só acontecem no Brasil; em relação às preocupações da invasão de um hacker português, no sistema do TSE, há claro tom irônico em relação a isso, o que nos faz entender um senso comum de que português não seria inteligente para tanto; sobre a abstenção nas eleições, justificar o medo pela pandemia parece resultado de uma fala baseada em convivência com outras pessoas que podem ter apontado essa insegurança, embora nos pareça que a descrença na classe política se sobressaia; são feitas críticas à reeleição de candidatos, porém, isso pode guardar uma insatisfação pessoal a quem esteja exercendo o poder pela segunda vez; também se fala que boa gestão gera voto, mas aí cabe perguntar: se em alguns momentos da semana anterior se questiona até essa percepção do eleitor sobre a política na vida dele, será que de fato, há uma preocupação com boa gestão a ponto disto ser uma balizador na hora de votar? Também se fala da política na cidade pequena onde todos se conhecem, o que também configura um senso comum.

Quando levamos os comentários feitos pelo lugar de fala da especialização, percebe-se que se fala em criminalização de candidatos com a citação inclusive de tipos

de crimes; o “jeitinho brasileiro” de burlar órgãos de controle; a defesa por uma Lei de Segurança em Tecnologia; as possíveis vulnerabilidades do sistema eleitoral invadido por um hacker; uma leitura aprofundada de dados a partir da abstenção, o que leva a entender quem vai ganhar e perder; críticas ao Centrão no Congresso Nacional; uma espécie de “comemoração” de que a esquerda não se deu bem nas eleições, o que se alinha também à postura da emissora ligada a um governo de Direita; mudanças de legislação não são políticas; cobrança de celeridade à Justiça Eleitoral para impugnações de candidatos; o uso da máquina administrativa por quem tenta a reeleição; a escolha do eleitor baseada primeiro por gestão e depois por partido político, o que discordamos, pois, entendemos que a escolha eleitoral ainda se dá por preferência pessoal; a transparência do TSE em mostrar que o sistema foi invadido; a fragilidade cibernética de modo geral; e o crescimento do Zoom durante a pandemia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo Gênero Opinativo, o Jornal da Cultura se diferencia e se contrapõe aos telejornais das outras emissoras porque amplia o leque de formadores de opinião com a última palavra de seus convidados, como prevê uma das frentes da Análise de Discurso. A sensação é que a audiência pode se identificar com os convidados em dois momentos desdobrados, neste trabalho, a partir da análise dos comentários emitidos. Quando o comentarista se posiciona na condição de cidadão, ele tem verossimilhança ao que o público pensa e gostaria de dizer caso tivesse a mesma oportunidade e espaço midiático. E no comentário ancorado em seu lugar de fala, o público pode extrair do comentarista uma opinião com autoridade que dá autenticidade ao fato na forma de conhecimento.

O comentário no Jornal da Cultura não tem a ressalva de que é responsabilidade total de seu autor, como ocorre por exemplo com artigos no Jornalismo Impresso, o que configura em nosso entendimento que a TV Cultura concorda com o que é dito, senão, muitos convidados não teriam presença constante na bancada do telejornal.

---

## REFERÊNCIAS

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANAL JORNAL DA CULTURA. [São Paulo]: Youtube.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

FUNDAÇÃO Padre Anchieta. Disponível em: [www.cultura.uol.com.br](http://www.cultura.uol.com.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

MARQUES DE MELO, J; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REZENDE, Guilherme J. de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.